



AWARE
INVESTMENTS
WEALTH MANAGEMENT



Carta Aware

Abril 2026

Estados Unidos

Abril marcou a passagem da economia americana do teatro tarifário para a contabilidade do estrago. O “Liberation Day” completou um ano com Washington tentando vender protecionismo como renascimento industrial, mas a fatura deixou de ser retórica e passou a se materializar nos preços, na inclinação da curva de juros e na crescente sensibilidade política dos dados. O PIB do primeiro trimestre avançou 2,0% em taxa anualizada, recuperando parte da fraqueza do fim de 2025, mas abaixo do consenso, sustentado por recomposição fiscal e investimento focalizado na frente tecnológica. O crescimento persiste, mas sua composição revela dependência crescente de vetores menos orgânicos.

A inflação voltou a incomodar com a delicadeza de um martelo. O CPI de abril avançou 0,6%, com energia respondendo por parcela dominante da alta, reflexo direto da escalada no Oriente Médio e da pressão sobre combustíveis. Mais relevante que o número cheio foi a sua difusão: núcleos mais rígidos permaneceram resilientes, sugerindo que o choque de energia não apenas atinge, mas se propaga em uma economia ainda suficientemente aquecida para absorver custos e redistribuí-los ao longo da cadeia.

O Fed, nesse contexto, deixa de ser protagonista e passa a ser gestor de restrições. Com juros entre 3,50% e 3,75%, a autoridade monetária enfrenta um trade-off cada vez mais estreito: cortar implica risco inflacionário e perda de credibilidade, mas manter implica aceitar uma desaceleração mais longa e custosa. A política comercial, por sua vez, deixa de ser instrumento estratégico de longo prazo e passa a operar como vetor de curto prazo de pressão de custos, com tarifas infiltrando cadeias produtivas e elevando preços intermediários.

O resultado é uma economia que segue crescendo, mas com crescente fricção entre política industrial, inflação e política monetária. O regime que emerge não é de desaceleração limpa, mas de crescimento resiliente sob pressão.

Europa

O mês de renovação recolocou a Europa diante de sua restrição mais persistente: energia como determinante macroeconômico. A inflação da zona do euro voltou a acelerar para próximo de 3%, interrompendo a trajetória de desinflação e evidenciando o quanto o bloco permanece exposto a choques externos. O BCE manteve juros, mas o tom da comunicação mudou de forma relevante, com menos confiança no processo e mais reconhecimento de que o ciclo permanece incompleto. A política monetária volta a operar sob incerteza, não por erro interno, mas por dependência estrutural.

A atividade seguiu sem tração. O crescimento marginal, sustentado mais por ajustes técnicos do que por demanda genuína, mantém o bloco em uma zona de conforto desconfortável: não há contração, mas tampouco há recuperação. A renda real segue comprimida, o crédito permanece caro e a confiança não se recompõe. A Europa não desacelera, ela se arrasta.

Nesse ambiente, a Alemanha volta a sintetizar o dilema europeu. O crescimento de 0,3% no primeiro trimestre evita uma narrativa de contração, mas não altera a tendência estrutural de enfraquecimento. A indústria, altamente sensível a energia, segue pressionada, enquanto a inflação ao produtor acelera e o desemprego avança. A eficiência alemã continua intacta, mas sua competitividade passa a ser condicionada por variáveis externas, culminando em um deslocamento relevante para um modelo historicamente baseado em controle e previsibilidade.

O Reino Unido, por sua vez, apresenta um ajuste mais visível na superfície. A deterioração do mercado de trabalho, com queda da folha salarial, aumento do desemprego e desaceleração dos salários, indica que o enfraquecimento da atividade já começa a se materializar no consumo. O BoE mantém juros, mas a mudança de foco é clara: o risco voltou a ser inflacionário, não recessivo. O crescimento ainda aparece, mas com menor qualidade e maior fragilidade.

A Europa encerra abril disciplinada na condução, mas pressionada na estrutura. A estabilidade existe, mas depende cada vez mais da ausência de choques, e abril mostrou que essa condição é cada vez mais improvável.

Ásia

China

Uma economia que até cresce, mas com desalinhamento interno crescente. A turma do bolinha no Politburo tem batido cabeça de forma mais intensa no último mês do que na última década. A desaceleração da produção industrial, a frustração do varejo e a persistente fraqueza do investimento imobiliário indicam que o motor doméstico segue irregular. O setor imobiliário, longe de estabilizar, continua operando como âncora, limitando a transmissão de qualquer estímulo para o restante da economia.

O contraponto segue sendo o setor externo. Exportações, especialmente ligadas à cadeia tecnológica, continuam sustentando o crescimento, evidenciando uma economia que depende mais da demanda global do que da própria reativação interna. Essa assimetria cria um crescimento funcional, mas menos equilibrado.

A dinâmica de preços reforça esse diagnóstico. A inflação ao consumidor permanece baixa, enquanto os preços ao produtor seguem pressionados, comprimindo margens industriais e indicando que o problema não é excesso de demanda, mas fragilidade na formação de preços domésticos.

O Banco do Povo da China mantém a estratégia de estímulo incremental, evitando grandes pacotes e priorizando liquidez direcionada. A escolha sugere um equilíbrio delicado: sustentar crescimento sem reacender bolhas. O custo é uma recuperação mais lenta e dependente.

Japão

O Japão iniciou abril com o impulso positivo do primeiro trimestre, mas rapidamente voltou a orbitar sua principal restrição estrutural: energia. O aumento do petróleo, amplificado por um iene depreciado, elevou custos de importação e reintroduziu pressão inflacionária em uma economia que ainda não consolidou plenamente um ciclo saudável de preços.

A inflação, portanto, volta com características menos desejáveis: mais custo do que demanda. Esse tipo de pressão limita a capacidade de crescimento real e complica a condução da política monetária.

O BoJ manteve juros em 0,75%, mas a crescente divisão interna revela um ponto de inflexão. A normalização monetária deixa de ser uma escolha técnica e passa a ser uma resposta condicionada ao ambiente externo. O timing deixa de ser doméstico..



América Latina

Argentina

Milei consolidou a trajetória de estabilização, mas com sinais crescentes de fricção. A inflação mensal recuou, mas em ritmo mais lento, indicando que o processo de desinflação começa a enfrentar limites naturais. O ajuste macroeconômico segue produzindo resultados, mas com retornos marginais decrescentes.

O avanço nas negociações com o FMI trouxe previsibilidade, mas também reforçou a dependência de continuidade do ajuste em um ambiente externo menos benigno. O crescimento segue positivo, mas mais sensível a condições financeiras e confiança.

O ponto de atenção se desloca para o nível microeconômico. A elevação da inadimplência, a compressão do consumo e a dependência de crédito indicam que o custo do ajuste segue sendo absorvido pelas famílias. A estabilização ocorre, mas com redistribuição de esforço.

Chile

Abril expôs os limites da previsibilidade chilena. O aumento dos preços de combustíveis rapidamente se traduziu em pressão inflacionária e tensão social, evidenciando a sensibilidade política de choques externos.

O BC manteve a taxa em 4,5%, mas elevou projeções de inflação e reduziu expectativas de crescimento, reconhecendo que o ambiente externo deteriorou as condições domésticas. A política monetária segue responsável, mas com menor margem de atuação.

Brasil

No Brasil, abril consolidou um quadro doméstico mais exigente do que o observado no início do ano. O Banco Central seguiu com a flexibilização monetária, mas em ritmo cauteloso, num ambiente em que a inflação corrente perdeu conforto, a atividade continuou resiliente e o choque externo ligado ao petróleo permaneceu contaminando o balanço de riscos. A combinação entre juros ainda restritivos, câmbio apreciado e menor impulso fiscal ajudou a conter uma deterioração mais ampla do quadro macro, mas não devolveu ao mercado a percepção de um ciclo de cortes linear e profundo.

A inflação trouxe piora mais nítida no dados correntes. O IPCA-15 subiu 0,89% no mês, contra 0,44% em março, levando o acumulado em 12 meses para 4,37%; no IPCA cheio, a alta foi de 0,67%, com a taxa em 12 meses avançando para 4,39%. A composição reforçou a leitura de pressão concentrada em itens mais sensíveis ao choque de oferta, com destaque para combustíveis e alimentação. A inflação não se desorganizou, mas abril tornou menos confortável a narrativa de desinflação contínua observada nos meses anteriores.

Na atividade, o quadro permaneceu relativamente firme. O IBC-Br de fevereiro, divulgado em abril, avançou 0,6%, enquanto a produção industrial cresceu 0,9% no mesmo mês, reforçando a leitura de desaceleração gradual, e não abrupta. A composição do crescimento continuou mais apoiada em setores menos sensíveis ao ciclo, enquanto crédito e consumo seguiram mostrando comportamento mais moderado. Em outras palavras, a atividade perdeu exuberância, mas ainda não entregou a fraqueza necessária para abrir espaço a um ciclo mais intenso de cortes. O mercado de trabalho reforçou uma fotografia de acomodação lenta, sem deterioração relevante. A taxa de desocupação no trimestre encerrado em março subiu para 6,1%, acima dos 5,8% do trimestre anterior, mas ainda ficou no menor nível da série histórica para um trimestre encerrado em março. Ao mesmo tempo, o Caged mostrou criação líquida de 228,2 mil vagas formais em março. O mercado de trabalho continua firme o suficiente para sustentar renda e consumo, embora já sem o mesmo grau de aperto observado anteriormente.

Já no fiscal, o mês trouxe um dado corrente favorável, mas sem alterar a discussão estrutural. A arrecadação federal de março, divulgada no fim de abril, somou R\$ 229,2 bilhões, alta real de 4,99% sobre igual mês do ano anterior e melhor resultado da série histórica para meses de março. Ainda assim, o foco do mercado permaneceu concentrado na trajetória da dívida e na consistência do compromisso com consolidação fiscal à frente. A melhora do fluxo de receitas ajuda na margem, mas não substitui a necessidade de um ajuste mais permanente.

Em síntese, abril consolidou um cenário doméstico ainda construtivo, mas claramente mais exigente. A inflação piorou na margem, a atividade seguiu resiliente, o mercado de trabalho continuou firme e o fiscal entregou apenas alívio parcial. O Banco Central seguiu cortando juros, mas preservando uma condução gradualista, adequada a um ambiente em que o choque externo ainda pressiona os preços correntes e a credibilidade fiscal segue sendo peça central para a dinâmica dos ativos locais.

Juros & Câmbio

Em abril, o quadro de juros e câmbio foi marcado por uma combinação de manutenção dos juros nos Estados Unidos, continuidade cautelosa dos cortes no Brasil e enfraquecimento do dólar no cenário global ao longo de boa parte do mês. Nos Estados Unidos, o Fed manteve a taxa entre 3,50% e 3,75% na reunião de 29 de abril e reforçou uma postura dependente de dados, ainda diante de inflação elevada e maior incerteza sobre o balanço de riscos. Isso preservou a leitura de juros americanos relativamente altos por mais tempo, embora sem validação de um aperto adicional imediato.

No Brasil, o Copom voltou a cortar a Selic, de 14,75% para 14,50%, mas manteve uma comunicação prudente e sem sinalização de aceleração do ciclo. O Banco Central continuou enfatizando o caráter dependente dos dados, especialmente diante da pressão de curto prazo sobre a inflação e do ambiente externo mais incerto. Com isso, a curva doméstica seguiu refletindo um processo de flexibilização aberto, porém gradual, com a ponta curta ajustando o novo patamar de juros e os vértices longos ainda condicionados ao prêmio fiscal e à sensibilidade do cenário global.

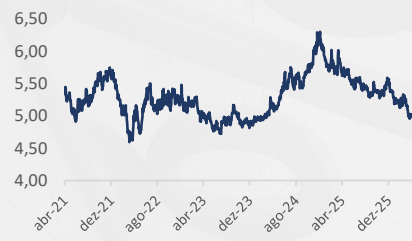
No câmbio, podemos perceber uma dinâmica mais favorável para moedas emergentes do que a observada em março. O dólar perdeu força frente a divisas relevantes ao longo do mês, com o índice DXY acumulando queda e chegando à região de 97,6 em meados de abril, no menor nível em sete semanas, em meio à melhora do apetite a risco, dúvidas sobre o crescimento americano e maior diversificação cambial. Esse pano de fundo ajudou a sustentar o real, que voltou a operar abaixo de R\$ 5,00 em diferentes momentos do mês.

Para o real, a combinação continuou relativamente construtiva: diferencial de juros ainda elevado entre Brasil e Estados Unidos, câmbio global mais benigno e retomada do fluxo para os mercados locais. Segundo dados preliminares do Banco Central, o fluxo cambial foi positivo em US\$ 5,984 bilhões em abril até o dia 24, com entrada líquida de US\$ 3,696 bilhões no canal financeiro, uma reversão relevante frente à saída observada em março. Ainda assim, a assimetria permaneceu: fiscal, cenário eleitoral doméstico e eventual nova pressão do petróleo continuaram como os principais vetores de risco para a trajetória do câmbio ao longo de 2026.

Moedas

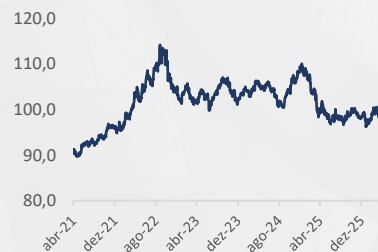
Dólar	4,95	-4,39%
Euro	5,81	-2,90%
Libra	6,74	-1,64%
Yuan	0,73	-3,40%
Iene	3,16	-3,08%
Lira Turca	0,11	-5,92%

Evolução Dólar



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução DXY



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Em abril, o cenário global de renda variável apresentou reversão expressiva em relação ao quadro adverso de março, com o anúncio do cessar-fogo entre Estados Unidos, Israel e Irã no início do mês desencadeando uma das maiores recuperações mensais da história recente. O ambiente de aversão extrema ao risco que dominou fevereiro e março deu lugar a um movimento amplo de retomada, mesmo com o Estreito de Ormuz permanecendo efetivamente fechado ao tráfego comercial. O barril de Brent encerrou o mês nas máximas, refletindo o reconhecimento do mercado de que o choque de oferta vai durar mais que o esperado inicialmente. O MSCI World registrou alta superior a 9% no período, em um dos movimentos mais intensos desde a pandemia, com forte rotação em direção a setores cíclicos e de tecnologia. O ouro, contrariamente ao desempenho do mês anterior, recuou diante da reprecificação das expectativas de corte de juros pelo Federal Reserve contribuindo para a perda de momentum do metal.

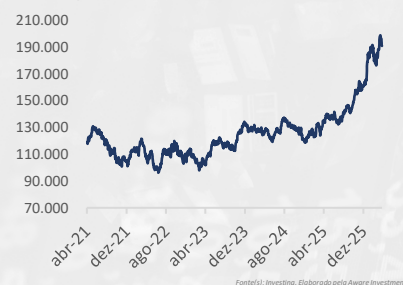
O Ibovespa apresentou comportamento aparentemente estável diante do quadro global favorável, encerrando abril com leve recuo de 0,08%, aos 187.317 pontos, mas a leitura superficial esconde a magnitude do movimento intramensal. O índice atingiu recorde histórico de 198.657 pontos em 14 de abril, renovando topos em quatro ocasiões no mês e acumulando valorização de 16,26% no ano. A acomodação na segunda quinzena refletiu a realização de lucros em commodities, sobretudo Petrobras e Vale, após o protagonismo desses papéis no primeiro trimestre. O fluxo estrangeiro permaneceu o vetor estrutural mais relevante, com saldo líquido positivo de R\$ 11,55 bilhões em abril e acumulado de R\$ 60,7 bilhões no ano até o dia 28.

Já nos Estados Unidos, abril foi marcado por uma recuperação de magnitude rara historicamente, com o S&P 500 registrando alta de 10,5%, o quarto retorno mensal de dois dígitos nos últimos 30 anos, e o Nasdaq Composite avançando 15,3%, seu melhor desempenho desde outubro de 2002. O Russell 2000 subiu 12,3%, sua maior alta mensal desde novembro de 2020, em movimento que reforçou a amplitude da retomada para além das megacaps de tecnologia. O alívio nas tensões geopolíticas reabriu a janela para reprecificação de ativos de crescimento, com o rendimento do Treasury de 10 anos recuando para 4,30% ao final do mês, ante patamar próximo a 4,44% em março, à medida que o mercado descontava parte do prêmio de risco inflacionário associado ao petróleo. A liderança setorial concentrou-se em tecnologia, semicondutores e consumo discricionário, com o S&P 500 superando o patamar de 7.200 pontos pela primeira vez na sessão final do mês.

Índices

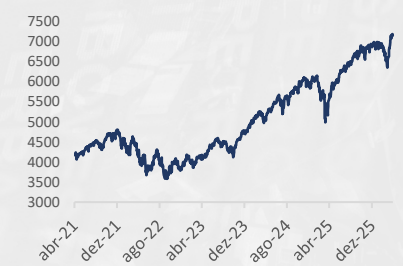
Ibovespa	187.463	-0,08%
S&P 500	7.209	10,42%
Nasdaq	27.452	15,64%
Euro Stoxx 50	5.882	5,60%
Shanghai	4.112	5,66%

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

O cenário global segue caracterizado pela combinação entre manutenção do choque de oferta no mercado de petróleo, persistência da inflação nas economias globais reduzindo o juros real e reaceleração do crescimento puxada pela cadeia de inteligência artificial, configuração que favorece a manutenção de postura construtiva em ativos de risco apesar dos múltiplos elevados. As atenções no curto prazo devem se voltar para a dinâmica do núcleo do CPI americano e para o comportamento dos juros longos, variáveis que concentram o principal risco para o cenário de continuidade do bull market. A curva de juros americana segue apontando para risco de recessão essencialmente nulo em 2026, leitura reforçada pela resiliência da temporada de resultados do primeiro trimestre e pela aceleração do investimento em infraestrutura tecnológica. Nesse quadro, seguimos privilegiando a rotação de portfólios em escala global, com preferência por ativos reais e companhias diretamente expostas ao ciclo de capex em inteligência artificial, em detrimento de setores de crescimento de baixa qualidade ou de empresas com balanços ainda alavancados em ambiente de juros longos elevados.

No mercado brasileiro, a correção intramensal observada na segunda metade de abril refletiu também o redirecionamento do fluxo global, com o forte movimento de alta nas empresas de tecnologia americanas atraindo capital de outros mercados, dinâmica que tende a se manter enquanto o ciclo de capex em inteligência artificial permanecer como tese dominante. Por outro lado, esse movimento trouxe os valuations de empresas brasileiras de volta a patamares atrativos, criando janela interessante para realocação seletiva. A abertura recente da curva de juros, refletindo a deterioração das expectativas inflacionárias, configura o principal limitador para movimentos mais expressivos da bolsa no curto prazo, com a curva voltando a precificar uma Selic terminal substancialmente acima de 13%, patamar que consideramos descolado dos fundamentos e que reforça nossa preferência por prefixados com horizonte de médio prazo, ao mesmo tempo em que sustenta nossa postura conservadora no mercado de crédito privado, com preferência por emissores bancários de baixo risco, prazos mais curtos e estruturas com maior proteção.

Nos Estados Unidos, a transição na presidência do Federal Reserve deve trazer ajustes relevantes no framework de condução da política monetária nos próximos meses, agenda que adiciona prêmio de incerteza institucional mas também abre espaço para queda dos juros reais ao longo do segundo semestre. Apesar da movimentação extrema observada no Nasdaq e S&P500 no último mês, entendemos que a combinação de queda gradual dos juros reais e continuidade da mudança estrutural causada pelas empresas de inteligência artificial deve seguir sustentando o mercado acionário americano em direção a novas máximas. Os dados mais recentes de atividade econômica e inflação reforçam a leitura de que o cenário corrente é de redeflação, com crescimento acelerando simultaneamente à reaceleração inflacionária, configuração historicamente positiva para equities mas desfavorável para bonds no curto prazo, justificando nossa manutenção de duration reduzida na parcela de renda fixa global combinada com exposição majoritária na cadeia de inteligência artificial e posições estruturais em industriais e defesa, segmentos que devem seguir beneficiados pelo quadro geopolítico vigente e pelo ciclo de capex em reindustrialização e construções de data centers.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com